

## PROGRAMA ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA E UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE: UMA EXPERIÊNCIA DE PARCERIA QUE DEU CERTO

1

**Maria de Fátima Chassot**

Nem sempre as palavras são suficientes para expressar nossos sentimentos e experiências, especialmente em se tratando de um trabalho tão intenso, transformador e rico, quanto o que foi desenvolvido pela Universidade Presbiteriana Mackenzie no âmbito do Programa Alfabetização Solidária. Assim, o presente texto almeja transmitir um pouco do que consiste tal trabalho.

Para tanto, decidimos iniciar com o poema escrito por José Israel da Silva, coordenador municipal do Programa Alfabetização Solidária em São Sebastião/AL, primeira cidade “adotada” pela Universidade Mackenzie para o desenvolvimento do trabalho aqui descrito. José Israel (2001) resgata o quão difícil é a vida de alguém que vê, mas na verdade não enxerga, ouve, mas não escuta, expressões tão usadas pelos alunos por nós atendidos. Este poema mostra, de forma implícita, a importância do trabalho realizado pelo Programa, cujo objetivo é trazer cidadãos à luz do saber.

**Analfabeto**

No mundo não vi o N

Por isso não pude ouvir

O que faço desta vida

Se na verdade é assim

Falo porque escuto

Mas não posso distinguir

Se o mundo é mudo

Ou sou eu que não posso ouvir

Vou, ando e volto

Sem ninguém me impedir

Mas, na verdade, para chegar

Alguém precisa me conduzir

Este texto tem como objetivo socializar as reflexões e práticas que o grupo de professores que atua na Educação de Jovens e Adultos da Universidade Presbiteriana Mackenzie tem realizado nos últimos onze anos, como parte do Programa Alfabetização Solidária.

Há que se mencionar que a prática educativa desenvolvida nesta modalidade de ensino tem uma especificidade que precisa ser reconhecida, valorizada e assumida por professores, alunos, pelo sistema educacional brasileiro e pela academia, os quais têm relegado o atendimento aqueles que não tiveram acesso à escolarização na idade própria, a um plano secundário, senão a plano nenhum.

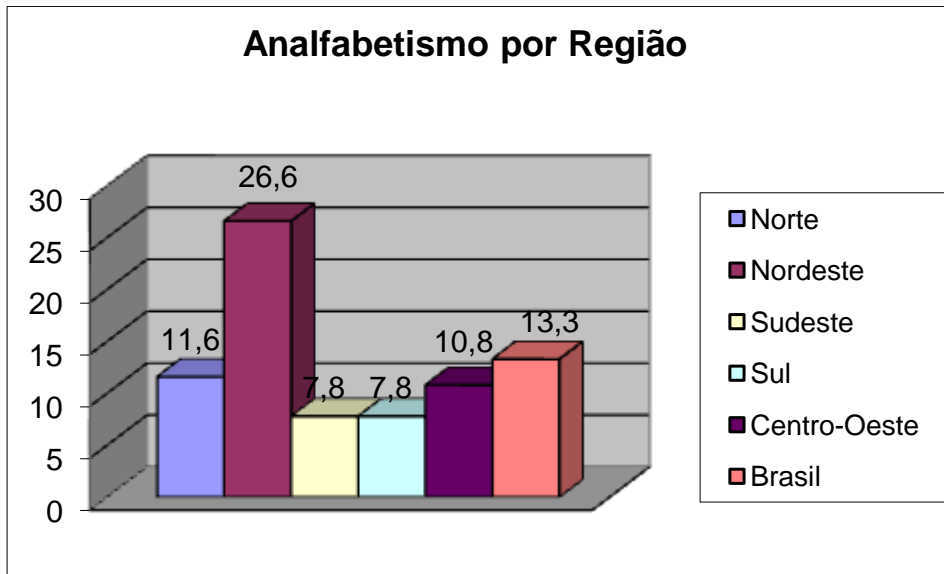
Diante desse descaso expresso na história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e da ausência de Políticas Públicas a ela relacionadas, que surge a iniciativa por parte do Conselho da Comunidade Solidária de tornar a Educação de Jovens e Adultos uma prioridade, por meio do Programa Alfabetização Solidária- Alfamol- envolvendo vários segmentos da sociedade em prol de um objetivo, qual seja: diminuir os altos índices de analfabetismo existentes no país.

Para a professora Ruth Cardoso, sócia-fundadora da Alfamol,

... no passado recente o Brasil experimentou operações de alfabetização em massa extremamente centralizadas, que, além de não definir prioridades ou proceder a avaliações, atuavam com base em um planejamento remoto, feito à distância, como se pudesse haver uma mesma solução para qualquer lugar ...tratava-se, na verdade, de alfabetizar de maneira autoritária. O trabalho da Alfamol baseia-se em um procedimento muito diferente. Ela quase vai buscar o aluno para interessá-lo na sala de aula e, além de alfabetizar, empresta uma grande importância à Educação de Jovens e Adultos, que estende a permanência do aluno na escola e, com certeza, vai implicar o aumento da escolaridade média do brasileiro (2006).

Os índices de analfabetismo apresentados a seguir, na tabela 1 ilustram o quanto focalizado está este problema, o que justificou a iniciativa do Programa Alfabetização Solidária de iniciar o projeto pelas regiões Norte e Nordeste, em cidades com os maiores índices de analfabetismo.

TABELA 1



Fonte: Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1999 (CD-ROM). Microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

Brasil: Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

O modelo inovador de ação adotado pelo Programa Alfabetização Solidária-Alfasol teve como premissa um processo de mobilização social, envolvendo uma rede de parceiros, o Poder Público nas esferas federal, estadual e municipal e a sociedade civil, por meio de empresas de todos os portes, fundações e Instituições de Ensino Superior, todos em torno de um mesmo objetivo.

A Coordenação Nacional do Programa é feita pela organização não – governamental- Alfasol, criada em 1998, que faz a mobilização dos parceiros, garantindo as prioridades e critérios de atendimento, bem como a prestação pública dos resultados obtidos. Além disso, é responsável pelo recebimento dos recursos, seu repasse, gerenciamento e a prestação de contas aos parceiros. É por seu intermédio que os parceiros se articulam.

As Universidades são parceiras do Programa Alfabetização Solidária-Alfasol- e têm um papel fundamental na efetiva condução e concretização das propostas e metas do Programa, pois elas são responsáveis pela seleção e capacitação dos alfabetizadores, além do acompanhamento dos mesmos junto aos alfabetizandos. Cada Instituição de Ensino Superior (IES) tem um (a) coordenador (a) responsável

pelo acompanhamento da execução do projeto, pelos resultados pedagógicos alcançados e pela avaliação do Programa no município.

Há que se mencionar que a Universidade Presbiteriana Mackenzie já atuava na Educação de Jovens e Adultos antes de aderir ao Programa Alfabetização Solidária em 1997. Tal experiência foi muito importante para o desenvolvimento de nosso projeto, uma vez que vários professores que atuavam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) capacitavam os alfabetizadores, aproximando assim, teoria e prática e dando organicidade ao trabalho.

A adesão da Universidade Presbiteriana Mackenzie ao Programa deu-se em abril de 1997, após a assinatura, pela reitoria desta universidade, de um **termo de parceria**, cabendo-lhe, na ocasião, para o desenvolvimento de ações, o município de São Sebastião, em Alagoas, que possuía um índice de analfabetismo de 51,69%, segundo dados do IBGE de 1996.

Iniciamos nosso trabalho com a visita precursora que previa o levantamento da realidade do município, contatos com autoridades locais e a seleção das pessoas que seriam os alfabetizadores em seus respectivos povoados.

Nesta primeira viagem teve início o trabalho diferenciado da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O programa, segundo seu modelo de atuação, estabelece que esta viagem seja realizada pelo Coordenador da Universidade. Em nosso caso, a viagem foi realizada pela então Diretora da Faculdade de Letras e Educação e pela coordenadora, sendo que uma das passagens aéreas foi paga pela Universidade. E desta forma, aconteceu desde então, o que fez com que nosso trabalho se ampliasse com cursos ministrados para os professores da rede, intervenção na única creche da cidade, palestras para diretores e supervisores escolares, além do tombo e organização dos livros doados pela Comunidade Mackenzista que iniciou a montagem da biblioteca do município, inexistente anteriormente.

O momento da capacitação também se caracterizou como diferencial da Universidade Presbiteriana Mackenzie, uma vez que no mínimo dez profissionais da Universidade, de várias unidades desenvolviam o projeto, elaborado a partir da caracterização das pessoas selecionadas, contando também com alunos e estagiários

que preparavam um material personalizado que era utilizado nos diferentes momentos do curso de capacitação. Este material foi criado para atender nossa proposta teórico - metodológica visava fornecer modelos que eram vivenciados pelos alunos / professores durante o curso, o que favorecia a criação de novos materiais pelos próprios alfabetizadores.

Em 1998, iniciou-se a atuação no município de Jandaíra, no Rio Grande do Norte.

A partir de 1999, o programa passou a atuar nas grandes cidades brasileiras, porque, apesar de as regiões metropolitanas apresentarem baixos índices de analfabetismo, quando comparados ao restante do país, concentram grande número absoluto de pessoas não alfabetizadas na periferia ou em bolsões de pobreza. Assim, a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) elaborou projeto de atuação, prevendo atendimento às salas de alfabetização de adultos em regiões periféricas da cidade de São Paulo e de municípios da Grande São Paulo, capacitando, prioritariamente, alunos da própria Universidade para serem os alfabetizadores.

Em 2001 esta Universidade atuou no Projeto Alfabetização Comunitária no Timor Leste, promovendo a re-introdução da língua portuguesa, há 25 anos proibida de ser expressa no país. A proposta incluiu, também, a estruturação e o fortalecimento da oferta local de Educação de Jovens e Adultos, o assessoramento na elaboração conjunta de um material didático adequado para o público e o assessoramento ao governo local na estruturação de programas para garantir a continuidade no atendimento dos alunos. A UPM atendeu três distritos do Timor Leste: Aileu, Manatuto e Mahufahi.

O município de Palmeira dos Índios / Alagoas foi incorporado ao Programa Nacional em 2001.

No estado do Rio Grande do Norte, outros três municípios foram agregados ao Programa Nacional: Ielmo Marinho e Santa Maria em 2003 e São Pedro em 2004.

Ainda em 2004, iniciou-se o Alfasol Empresas e coube, à UPM, atender a Fundação Itaú Social.

Em 2005, o Programa atendeu o município de Coruripe no Estado de Alagoas. A cidade de Pedras, em Pernambuco, participou do Programa, pelo Mackenzie, em 2007 e 2008.

No Programa Nacional foram capacitados mais de 270 alfabetizadores que atenderam cerca de 6000 alunos.

A Universidade Mackenzie no âmbito do Projeto Grandes Centros Urbanos (PGCU), capacitou 140 alfabetizadores que letraram 1891 alunos em diferentes locais da Grande São Paulo.

Atendemos, também no Projeto internacional, 24 localidades nos três Distritos, capacitando os alfabetizadores que, por sua vez alfabetizaram mais de 500 timorenses, com o acompanhamento e avaliação da coordenadora da Universidade..

Nos onze anos de atuação no Programa pudemos sistematizar alguns dados que são apresentados, a seguir, a fim de se visualizar a dimensão do trabalho realizado.

De acordo com o gráfico n.º 1, no projeto Nacional, desde 1997, num total de 21 módulos, atendemos, majoritariamente, alunos da zona rural, totalizando 87%.

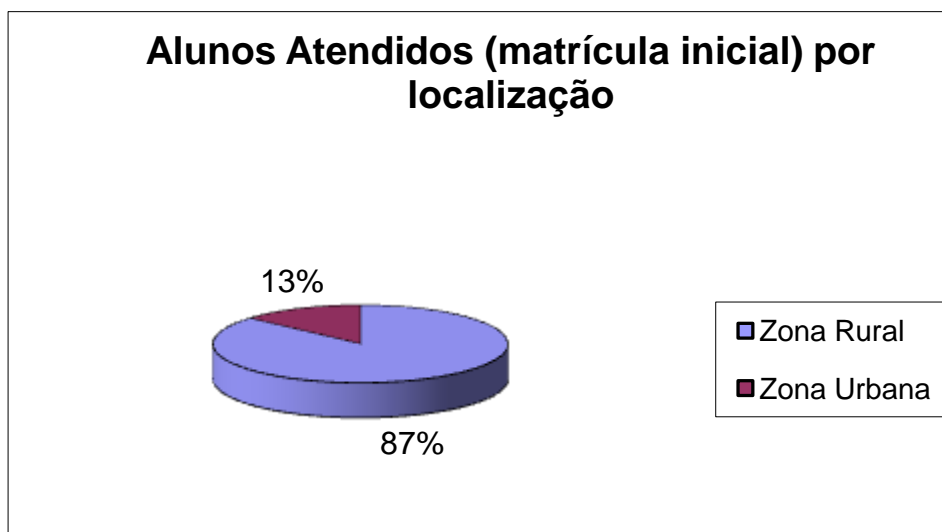


Gráfico n.º 1

O aspecto referente à localização das salas é determinante no trabalho de alfabetização, uma vez que não dispomos de um ambiente letrado no município, o que dificulta a aprendizagem, pois os alunos não percebem o uso da língua. Dessa forma, nosso trabalho é justamente o de levar o letramento para o município.

O gráfico n.º 2, relativo à caracterização dos alunos por gênero, indica um número maior de homens, 67%. Esse resultado sugere várias hipóteses, dentre elas: a mulher já está alfabetizada; a prioridade, no que se refere aos estudos, ainda é dada ao

homem ou o contrário, devido à necessidade de trabalhar, por ser o chefe da família, o homem acaba deixando os estudos de lado, retomando - os de maneira tardia, ou a mulher continua não tendo permissão quer seja do pai, quer seja do marido, para sair de casa e estudar. Este ponto merece uma análise mais profunda.

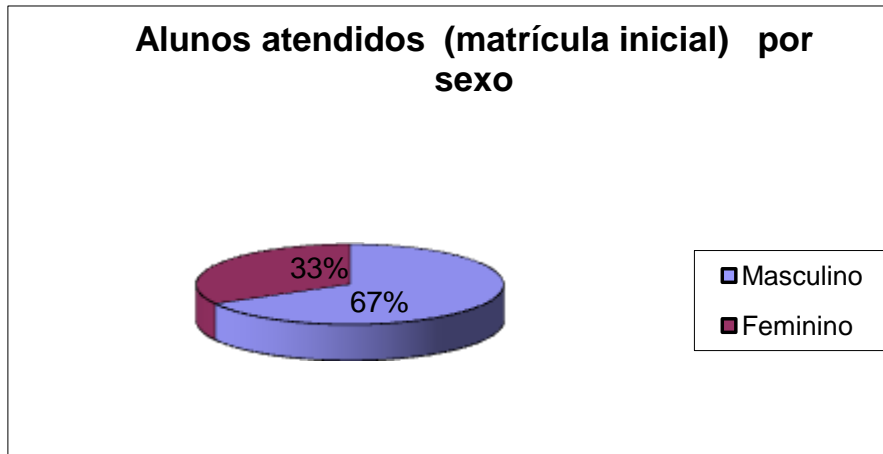


Gráfico n.º 2

Um dado que nos chama a atenção, diz respeito à experiência escolar dos alunos atendidos, segundo o qual 65% dos alunos afirmam que possuem experiência escolar anterior. Mas esta experiência não lhes permitiu aprender, por vezes, nem mesmo as letras, o que explica, de certa forma, o porquê de tantas desistências. Tal índice pode ser observado no gráfico n.º 3.

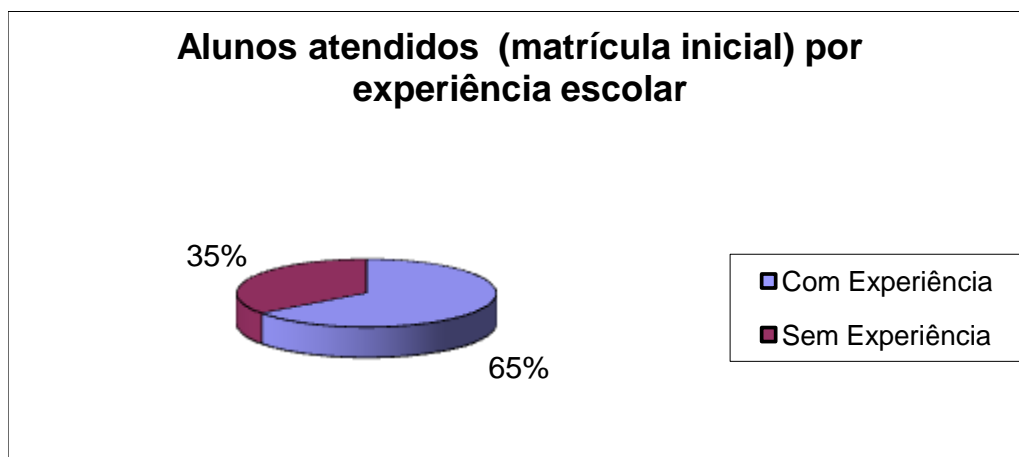


Gráfico n.º 3



Fatos como estes, demonstrados no gráfico número 3 (três), são denúncias de práticas pedagógicas inadequadas, violentas, desvinculadas da realidade vivida por eles; são relatos da expressão da desigualdade social no Brasil que impele estes cidadãos para o trabalho, a fim de ajudar a família, expelindo-os, conseqüentemente, da escola.

De acordo com o gráfico n.º 4, a faixa etária predominante é a de jovens entre 15 e 29 anos, num total de 60%. Tal dado nos faz refletir sobre as deficiências do ensino fundamental regular que, talvez, pelas razões apresentadas no item anterior esteja provocando a evasão. O retorno à escola é cobrado pela sociedade, cujas necessidades apontam para uma busca cada vez maior de pessoal qualificado.

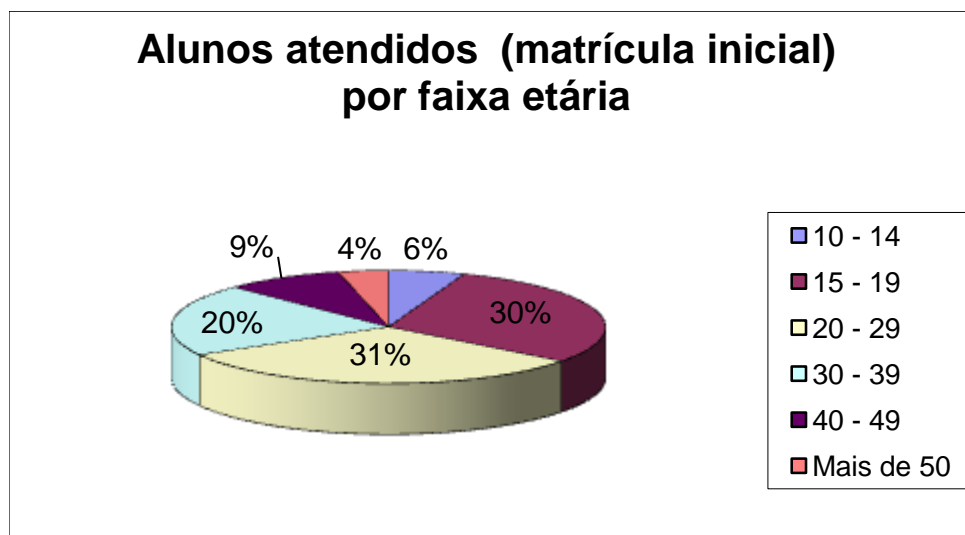


Gráfico n.º 4

Conforme o gráfico n.º 5, a evasão apurada foi de 26%, índice ainda muito alto, mas que pode ser explicado em função de inúmeras razões, entre elas estão: os problemas de visão que se acentuam nas salas da zona rural que possuem iluminação precária; os períodos sazonais, por exemplo: corte da cana; o trabalho na usina e o trabalho na zona de plantação de fumo, o qual envolve todos os membros da família nos vários momentos de sua produção: plantar, colher as folhas, colocá-las para secar, destalar, enrolar, entre outros.

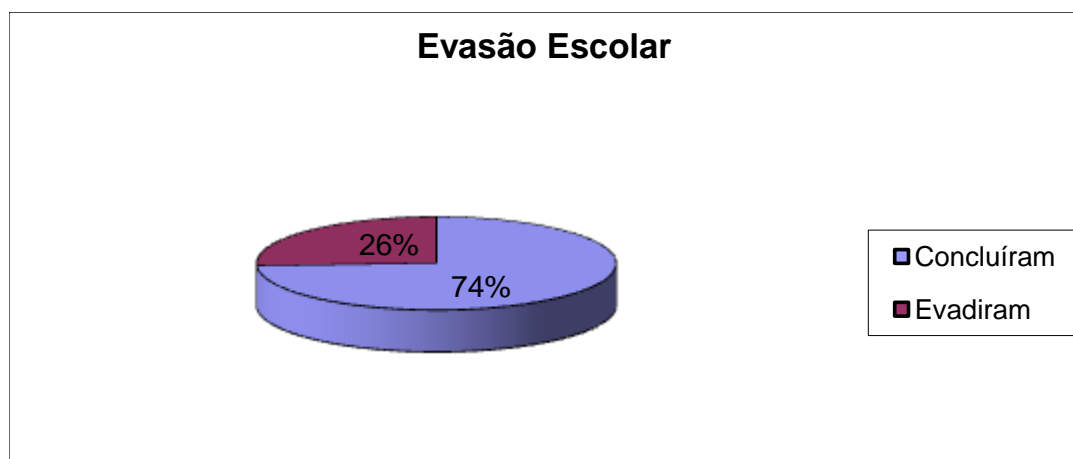


Gráfico n.º 5

O que merece registro é que um dos objetivos do Programa é desencadear a Educação de Jovens e Adultos nos municípios em que atua, tal fato pode ser notado, nos municípios atendidos pela Universidade Mackenzie e em outros municípios que participaram do Programa Alfabetização Solidária.

Para os municípios, os impactos se fizeram sentir na própria qualificação dos professores da rede, muitos deles capacitados pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - na ampliação da oferta de EJA, no aumento de situações de letramento observadas na cidade e especificamente nas escolas.

No que diz respeito à Universidade Presbiteriana Mackenzie, a atuação da Educação de Jovens e Adultos foi aperfeiçoada desencadeando ainda mais o estudo desta modalidade de ensino.

O fato de termos atuado também no Projeto Grandes Centros Urbanos do Programa Alfabetização Solidária permitiu a comparação entre o trabalho realizado em São Paulo, maior cidade da América do Sul em desenvolvimento e nos municípios de Alagoas, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Tal comparação é de grande importância para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de nossa proposta teórico-metodológica e para, enfim, colaborarmos para a diminuição do número de pessoas que não podem fazer uso e se apropriar do mundo letrado que os cerca.

Paulo Freire (1989) afirmava que: " O analfabetismo não é uma chaga, nem uma erva daninha a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade injusta."

É dentro deste contexto que reconhecemos que a educação não se desliga dos fatores econômicos e sociais que são a origem das desigualdades e desta realidade injusta, e que o analfabetismo decorrente desta desigualdade acaba sendo também um elemento que a fomenta.

Para finalizar, faço uso de outro poema de José Israel da Silva, que já foi citado no início deste texto:

### ***Caminho***

Que me leva para a vida  
Com entradas e saídas  
Que me levam sem medida  
E me deixam a pensar

Por ele eu vi o mundo  
Vi as coisas, vi o fundo  
Vi o rio, vi o mar  
Vi as pessoas, vi os lugares

Até pensei em lá ficar  
Não fiquei, pois pensei  
Que tenho muito a caminhar  
pela vida buscar

O poema acima sintetiza o eixo de nosso trabalho, que consiste em uma eterna busca, em um longo caminho a percorrer, que sinaliza obstáculos que não podem nos deter, pois quem pára no meio do caminho deixa de viver. Sabemos que quem faz a

diferença é quem apesar dos obstáculos, consegue prosseguir em sua caminhada e, mais do que isso, consegue traçar e transformar seu simples caminho em uma senda. É função da Universidade, por meio de sua Extensão, formar cidadãos que possam ser agentes transformadores da sociedade, e por isso acreditamos que experiências como a aqui descrita sejam essenciais na construção de uma realidade mais justa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA. *10 anos de Alianças - A história da alfabetização solidária pela redução do analfabetismo no Brasil*, 2006.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Leis: 4.024/61 e 9.394/96*. Brasília: MEC.

BRASIL. *Proposta curricular para a educação de jovens e adultos*. Primeiro segmento do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Parecer CNE/CEB n. 11. *Diretrizes Curriculares para a educação de jovens e adultos*, 2000.

CUNHA, C. M. SILVA, M.C.DE F. A educação de jovens e adultos: a diversidade de sujeitos, práticas de exclusão e inclusão das identidades em sala de aula. In *Pluralidade cultural e inclusão na formação de professores e professoras*. Diniz, M. Vasconcelos, R. N (org.) BH: Formato Editorial, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Educação com Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GADOTTI, M. Romão, J.E. *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. São Paulo: IPF/Cortez, 2000.

HENRIQUES, R. Discriminação racial no Brasil: desigualdade de oportunidades na educação. In: \_\_\_\_\_. *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília: UNESCO, 2002.

JANEIRO, C. *Avaliação dos grandes centros urbanos: módulo VIII, julho a dezembro de 2000*. Brasília: Programa Alfabetização Solidária, 2001.

RAAB - Rede de apoio à ação alfabetizadora do Brasil.

SILVA, José Israel. *A Vida em Substantivos*. São Paulo: [SPM.], 2001.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Relatórios de Programas e Projetos*. Material elaborado pelas responsáveis pelos projetos desenvolvidos: Profª Ms Aralys Borges de Freitas (Grandes Centros Urbanos); e Profª Dra Maria de Fátima Chassot (ALFASOL – Alfabetização Solidária). Campus São Paulo: Coordenadoria de Extensão - COEX, do Centro de Ciências e Humanidades - CCH, 1º semestre de 2008.

### **Nota especial:**

Nesta edição da Revista Pandora Brasil cujo título é: “Educação de Jovens e Adultos: da invisibilidade à cidadania” há dois artigos que tiveram origem em ótimos Trabalhos de Graduação Interdisciplinar (TGI) relativos ao tema em análise.

Assim, é com satisfação que apresento, aos nossos leitores, em páginas subsequentes, os TGI de duas ex-alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie que se dedicaram à pesquisa sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), analisando aspectos diferentes, mas interligados e que, por sua importância, ainda interferem nessa modalidade de ensino.

- Shirley Cristiana de Oliveira em artigo intitulado - “A busca da especificidade na formação de professores para educação de jovens e adultos” - denuncia e registra a ausência de trabalhos acadêmicos sobre a formação de professores para atuarem na EJA e a quase inexistência de disciplinas nos cursos de Pedagogia que contemplem essa formação.
- Giselle Maria Barbosa Braga, em artigo intitulado - “Os professores da EJA face à diversidade etária discente em sala de aula - nos traz, por meio da bibliografia estudada e da pesquisa de campo, as dificuldades dos professores para atuarem em salas heterogêneas, quer seja etária, quer seja em termos de expectativas.

Estes estudos nos levam a refletir sobre a atualidade de se pesquisar a EJA, uma vez que ainda temos problemas no que diz respeito ao desconhecimento sobre quem é o aluno que frequenta os cursos desta tão importante modalidade de ensino. Deve-se pensar, ainda, sobre a negligência em relação à formação do profissional que necessita conhecer, não só a demanda atendida e suas especificidades, mas possuir um preparo específico que dê conta desse verdadeiro e prazeroso desafio educacional.